

# JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

## ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . .	500 réis
Com estampilha . . . . .	600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . .	20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO

**AUGUSTO DA COSTA E PINHO**

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar

Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR  
Rua de S. Chrispim, 18 a 28 — PORTO

## PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . .	60 rs. cada linha
Annuncios e comunicados . . . . .	50 » »
Repetições . . . . .	25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial	
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes	

## RELIÇÕES MUNICIPAIS

A dois dias, por assim dizer, das eleições municipaes, e em todos os arraiaes politicos nota-se a mais completa apathia.

A imprensa local parece participar d'esta inercia dos partidos.

Ha tempos aventou a «Discussão», a ideia da organização d'uma lista da villa, salientando bem a circumstancia, de que essa ideia era puramente pessoal, e alheia por completo de qualquer compromisso do partido regenerador.

Esse balão d'ensaio desfez-se com a facilidade das bolas de sabão, ao que parece, pois até hoje não conseguiu proselitos e de maravilhas os conseguirá.

Os partidos politicos de preponderancia não abdicarão decreto dos direitos, que lhe dão o seu predomínio.

E mesmo a organizar-se uma lista ecliptica de todas as facções, denominar-se da villa, seria desconsiderar o resto de todo o concelho.

Nem só a população da villa constituem os municipes, e todos estes ou sejam da villa, ou sejam das aldeias tem direito a escolher os seus administradores. prevalecendo o voto da maioria.

E onde está esta?

De certo que não é na villa.

E a parte sensata da villa repudiaria a ideia de querer impôr-se á maioria do concelho, no que procederia com a maior sensatez.

\*

E' certo que vamos ter eleições, mas quaes os partidos combatentes?

O partido republicano local diz pelo seu órgão a «Patria» e pela pena d'um dos seus graduados membros, que se desinteressa da eleição, porque os municipes são uns subordinados do ministerio do reino.

Já assim não entendem os seus correligionarios de Lisboa.

Mas não podemos deixar de concordar, que aos corpos administrativos foram cerceadas as regalias de independencia de administração, centralizando-se todas as funções no poder central.

Mas esse facto que vexa sobremaneira os concelhos, não deve por forma alguma levar-nos ao desanimo de não procurarmos administradores que melhores garantias nos dêem d'uma administração proba, honrada e proficua.

Estranha o illustre collega o confronto e a forma como no estrangeiro se fazem meetings e placards.

Isso faz-se nos grandes centros em que os eleitores não conhecem os candidatos a edis municipaes, e assim estes necessitam de apresentar-se ao povo, expondo-lhe o programma da sua administração e dando-lhe provas do cumprimento dos seus processos eleitoraes.

Mas querer comparar Londres, Paris, Berlim, Zurich e outras cidades com o nosso Ovar é escarncer de nós mesmo.

O nosso concelho é um meio infinitamente pequeno, não sendo mais do que uma rua d'uma d'essas grandes cidades.

Aqui todos se conhecem, não se necessita de placards de mee-

tings para se fazerem apresentações de pessoas ou de programas.

As pessoas são bem conhecidas.

O programma para administrar um municipio que tem reditos pequenos, que chegam com dificuldade apenas para occorrer ás necessidades diarias e mais urgentes, não carece tambem de ser elaborado, quanto mais de ser discutido em comicios.

O que os povos dos concelhos querem é que se administre com probidade dentro dos limites dos recursos existentes, e sem aggravamento de impostos.

## MAX NORDAU

### E A IMPRENSA

#### TRECHOS DAS MENTIRAS CONVENCIONAES

Será por ventura justificada a acção da imprensa?

O redactor d'uma folha, tem na verdade um mandato valioso para agredir deante de cem mil leitores o governo, para guiar a opinião e lançal-a n'um caminho, mais ou menos bom aparentemente, mas que pode ser desastroso?

Eis-nos em presença d'uma das mais estranhas contradicções da civilização actual. As idéas modernas revoltam-se contra toda a auctoridade, que não seja concedida pelo povo.

Até nas monarchias se limita o poder do rei pela vontade dos eleitores.

O ministerio deve o chefe do Estado nomeal-o, mas por assim dizer indica-o o parlamento, cujo apoio se não dispensa.

O deputado tem de captar os votos, que o elegem.

E o jornalista, que exerce um poder igual na pratica ao do legislador, e do governo, goza os direitos dos ministros e dos deputados, todavia não tem necessidade de ser nomeado, nem eleito por ninguém, é o jornalista a unica auctoridade no Estado, que não carece de nenhuma confirmação; por si mesmo se faz o que é, e pode exercer a sua industria como lhe approuver, sem que de nenhum modo seja responsavel pelos excessos ou graves erros, que commette.

Não me apodem de exagerado; mas a verdade é que os jornalistas levianos, ou sem consciencia, teem preparado e dado causa a revoluções e guerras, e attrahiram para o seu paiz, ou para nações estranhas, a devastação e a desgraça.

Se fossem reis, seriam expulsos ministros, seriam processados, jornalistas, ficam tranquilos, e são os unicos, que sahem sem damno nem prejuizo da ruina real, que só elles occasionaram.

Não é espantoso, que se tolere semelhante poder arbitrario, semelhante despotismo, sem a mais ligeira tentativa de revolta, ao passo que apaixonadamente se combate contra todas as tyrannias?

Não é menos anormal a situação se, pondo de lado a acção politica da imprensa, nos restringirmos á

social. O juiz a quem outorgamos o direito de dispôr como senhor absoluto da nossa honra, da nossa fortuna e liberdade, precisa de um longo curso, de um tirocinio de alguns annos e d'uma nomeação em regra: está sujeito a leis severas, os seus erros, ou as suas transgressões são immediatamente censurados, e na maioria dos casos reparados—(oxalá que assim fosse.)

O jornalista pôde lezar e até aniquilar a honra e a fortuna de um cidadão; pode atacar a liberdade pessoal, tornando-lhe impossivel a residencia n'uma dada localidade, e exerce um direito de punir, sem estudos que a isso o habilitem, sem ninguém o investir de taes funções, sem que offereça um penhor de imparcialidade ou de consciencioso exame.

Ha quem sustente, que a imprensa cura as feridas, que faz, e que o cidadão está defendido pela lei contra ella, mas este asserto appoia-se n'uma base bem frágil.

Um ataque em jornal contra um particular, pode causar-lhe danos irreparaveis. As rectificações e retratações não o satisfazem plenamente, porque muitos leitores ha, que tendo lido o ataque, não leram depois a defeza, que só passados alguns dias vem publicada no mesmo jornal, muitos outros não a leem porque lhes agrada a má opinião, que formaram, e neste caso a honra offendida ficará sempre com mácula, sem reparo.

O mesmo acontece com qualquer processo intentado contra um jornal.

Tem estes meios de atormentar um sujeito sem incorrer em materia criminavel, e quando seja condemnado, em geral a pena não é proporcionada ao delicto.

Esta situação explica o facto de não só todos os reaccionarios, mas até muitos liberaes serem inimigos confessos ou secretos da imprensa.

A maior parte das pessoas conhecem, que esta não é necessariamente a expressão da opinião publica, á qual se subordinam, mas o producto muitas vezes da ignorancia, da leviandade e da malvadez, e sem duvida todos concorrem para a mentira, que consiste em ver na imprensa o órgão legitimo da opinião publica, identificando-as.

Como poderemos substituir esta mentira por uma verdade? Como evitar que usurpadores se apessem d'um poder que só deve ser exercido por esses a quem haja sido delegado expressamente?

Eis uma das mais graves questões da actualidade, e que os governos em vão procuram resolver.

Sem duvida ha um meio facil de obviar a esses males, é restringir a liberdade da imprensa—mas esse meio não conduz ao fim que realmente se deve ter em mira—accrescendo o ser immoral, porque substitue o arbitrio do jornalista por outro, o do empregado judicial, ou administrativo.

As leis restrictivas da liberdade da imprensa só servem para favorecerem a hypocrisia, e a mentira universaes, obstando a que se exprima francamente tudo quanto se pensa.

Comtudo o Estado tem o direito de prohibir que um qualquer

individuo falle em nome de todos, dando assim a umas ideas pessoas o alcance e a importancia, que de nenhum modo lhe pertencem.

(Acho pouco exacta esta observação do auctor)

Dias virão em que todos os leitores serão bastante cultos e capazes de raciocinarem para de-

persi distinguirem entre a falsa e a verdadeira opinião de um paiz.

N'esse tempo lêr-se não apenas os jornaes, sinceros órgãos dos sentimentos publicos, e desprezar-se-hão aquelles em que um valioso se comprara nas suas parolices.

Então só terão importancia os jornalistas, a quem o povo, pelas

## O FIRMAMENTO DO SNR. THEOPHILO

V

Cahos busca o triumpho em mil azares  
Na repulsão da onda refulgente:  
Cria Cosmos os nucleos seculares  
Que vem ligar a Nebulose ingente,  
Que se alastra nos ares.

Cahos ataca a criação sublime,  
A vibração electrica lhe imprime  
E a thermica expansão, forças dispares.

Da Nebulose a convulsão fremente  
O espaço alastra com milhões d'estrellas,  
D'esse pó sideral resplandecente;  
Formando á via -lactea a curva, fel-as

De um brilho albi-nitente,  
Cosmos á lei de rotação submete  
Os corpos fragmentados e repete  
Como centros as constellações bellas.

Encheu-se o espaço d'um eterno dia,  
E da harmonia ignota das espheras;  
Mas Cahos já redobra d'ousadia,  
Accumulando as cóleras mais feras

Na lucta prosequia:  
Desprende d'esses soes, tumultuarias  
Incandescentes massas planetarias  
Perdidas na amplidão obscura e fria.

Já Cosmos tira força d'essa ruina,  
E pela acção da gravidade, immensa,  
As detem, de um reflexo as illumina  
E pela rotação forte as condensa.

Mas Cahos imagina  
Uma invensível traça, uma das suas...  
Que se quebrem em numerosas luas  
Anneis equatoriaes da crusta densa.

Cosmos com mais audacia continúa  
Na construcção do esplendido universo:  
Das incoersiveis forças uma a uma  
Com que o combate aquelle irmão adverso

Não regeita nenhuma!  
Do electrico fluido se apodera,  
Do calor e da luz, e n'elles gera  
Novo equilibrio em que anda agora immerso.

Os elementos chimicos se alliam,  
Como fizera em sideraes systemas:  
Combinações organicas se criam  
Realizando outras formas, outros themas,  
Que a vida presagiam.

Oh! Visão inaudita de Material!  
Como da extrema dissociação etherea  
Consciencia e Vida são fórmulas supremas!

Cahos um golpe certo comprehende,  
E imprime-lhe a mortal caducidade;  
Mas contra esse defeito que desprende  
O equilibrio vital em curta idade,

Cosmos já se defende:  
Soube fixar-lhe o impulso hereditario;  
Da menor resistencia o curso vario  
O põe em busca pela immensidade!

(Continúa.)

Theophilo Braga.

Basta por hoje.

Quiz o Snr. Theophilo descrever e poetisar o jogo das forças phisicas na formação do universo, e parece incrível, que não visse como a descripção lhe sahio uma longa serie de desconchavos, uma parolagem grotesca.—O Snr. Theophilo aqui excede Chapelaine e o auctor da Pedreira. E que versos!

Almeida e Medeiros.

suas qualidades d'espírito e de caracter, reconheça o direito, de propaganda, de critica, e d'ensino — os outros, quando se arroguem esse direito, desperterão apenas o riso — (Esses tempos já vão chegando).

Emquanto se espera, que a instrucção e a capacidade de raciocínio se elevem em todos a essa altura ideal, necessaria é a intervenção da lei algum tanto protectora — que, todavia, nunca deve restringir a publicação dos livros, folhetos, cartazes, e folhas avulsas, em que os escriptores se apresentam em seu proprio nome.

Se atacam a honra d'alguem, calunniando, sejam obrigados a repararem a offensa, publicando o desmentido tão profusamente como a calumnia, durante mezes, em todos os jornaes da provincia ou do districto, e affixando cartazes nas praças publicas.

Se o calumniador não poder custear as despesas de tamanha publicidade, justo é que o obriguem a trabalhos, d'onde colha os meios de satisfazer-as.

A questão é diversa para as composições periodicas, que se dirigem a um limitado numero de leitores.

(Não vemos bem as differenças). Formam ellas uma tribuna, uma instituição publica: para que se possa estabelecer uma escola, uma pharmacia, um hospital, um theatro é precisa uma licença.

Para que se podesse fundar ou dirigir um jornal cumpria haver um mandato popular, e não só um despacho faccioso a capricho d'uma authoridade — e ainda, a lei só permitirá o ser candidato a redactor a quem pela sua idade assegurasse uma certa cordura, e tivesse um comportamento irreprehensivel, e provasse um certo grau de instrucção — só possuindo essas qualidades poderia apresentar-se a *solicitar* que o elegessem redactor d'um jornal.

(Contra isto protestamos). Revogar-se-hia o mandato, se o condemnassem como calumniador, e ser-lhe-hia restituído por nova eleição em cada periodo de dez annos.

(Aqui exagera-se Nordau, e toca na utopia)

Por esta forma, quem representasse ideas antipathicas á maioria dos cidadãos difficilmente conseguia um mandato de redactor.

Max Nordau

(Mas o grande papel de imprensa é pelo contrario poder mo-

dificar e contrariar as ideias correntes: evitavam-se muitas infamias e muitas ineptias, mas o remedio seria dez vezes peor que o mal — seria a concepção democratica da lei das rolhas, logo sophismada pela influencia dos governos e dos partidos).

M. A.

## SOBRE RENAN

N'um dos artigos, intitulados — *Aparas da minha Loja* — que publicou na Gazeta de Portugal o Sr. Oliveira Martins, lemos a sua analyse da *Historia de Israel*, uma das ultimas publicações de Renan — que não só ali é mal avaliado como historiador, mas tambem como philosopho e critico das religiões. Tão inexacto me pareceu o conceito do Sr. Oliveira Martins, que não duvidei contestal-o, e enviando as minhas objecções ao Sr. Antonio de Serpa, vieram estas publicadas no mesmo logar, em que appareciam as *Aparas* — (G. de P. Dezembro de 1887).

Vamos reproduzir-as e muito as accrescentaremos nos artigos, que hão de seguir-as.

### I

A historia critica das religiões, a que Renan se dedicou, podia acaso tolhel-o de ser um philosopho? Em que obstavam os seus estudos predilectos a que se lhe formasse no espirito uma doutrina geral e de caracter especulativo?

As origens dos dogmas implicam com as ideias metaphisicas: e toda a religião é arte de um lado, e do outro philosophia.

Se Renan não construiu um systema racionalmente, isto é, principio sobre principio, deducção sobre deducção em passagens dos seus diversos escriptos, não deixa de ser um metaphisico, senão bem original, ao menos muito parecido a Hegel, e só divergindo no modo de conceber o que são em si as phásas da religião, do sentimento, da arte, e da sciencia, na historia.

Consiste a differença em que essas phásas para Hegel encerram a realdade absoluta em cada uma d'ellas, são transformações do ser divino: para Renan são apenas phenomenaes nos seres da natureza mas determinadas e animadas por elle, e no espirito humano são formas subjectivas do que pensam e sentem as gerações no decurso

dos seculos; são modos relativos de conceber o ideal supremo, que no intimo as inspira.

Esta ideia é a luz que vae adiante do critico.

Se para Renan é falsa a antiga hypothese das duas substancias formando o homem, e a materia é uma condição necessaria do pensamento — *Ensaio de Moral e de Critica*, pag. — 65 — é certo, que nos diz, se practicaes o culto da moral, da belleza, e da verdade, vós não sois atheus; mas se as vossas faculdades vibram unisonas, e não produzem o grande som, Deus, falta-vos o elemento essencial e caracteristico da indole humana.

Se esse velho termo não exprime uma personalidade, como na linguagem dos simples, estes adoraram debaixo d'esse nome o mesmo que todos os philosophos contemporaneos, quando fallam em moral, verdade e belleza infinitas.

O divino existe em nós, mas Renan não explica de que modo — é para elle como um fogo interior, que inflamma as creanças, as doutrinas, os systemas, que variam.

Se a verdade é relativa, ha em nós uma tendencia para o absoluto.

A natureza muda os seus phenomenos, mas as suas leis são immudaveis.

E' pois Renan muito mais que um estylista. Ha na sua grande intelligencia um fundo de convicções transcendentales, bem comprehensiveis, não reduzidas a um systema como o de Hegel, mas não muito longe da maneira intuitiva e poetica, que distingue as de Schelling.

Não é um sceptico, quem expõe essas ideias e quem clama — *existe um não sei que no homem e na natureza*, e que é a verdade, a ordem, a moral, a realidade absoluta.

Não é um sceptico em philosophia senão como o foi Kant, que affirma não se passar das ideias para o seu objecto da razão para as coisas, do espirito para o universo, e por isso inventou a razão pratica como supplemento á philosophia subjectiva.

Preciso é não confundir as varias especies de scepticismo.

Não é tambem um sceptico na interpretação dos cultos, nem um ephemerista, nem reputa as religiões umas vãs phantasias como Voltaire.

De dizer, que Deus é o resumo das nossas aspirações supra-sensíveis, a cathogoria do ideal, não se induza, que não existe para Renan senão como uma forma

abstracta, a que não corresponde nada de real fóra do nosso espirito — Deus é que existe e tudo tem uma existencia propria — eis o que redargue áquella supposição, mal formada, o illustre auctor da *Historia de Israel*.

Na natureza, e na historia, diz nos elle, vejo melhor o divino do que nas fórmulas abstractas de uma theodicea artificial, e d'uma ontologia sem relação com os factos — o absoluto da justiça e da razão não se manifesta fóra da humanidade — o infinito não existe, ou melhor, não affirma para nós a sua existencia senão sob uma forma limitada nas suas encarnações diversas: Deus vae sendo, e as fórmulas que reveste, são o objecto da verdadeira theologia, da sciencia do mundo e da humanidade, da geral evolução, que vae dar ao culto da arte e da poesia.

Não se conclua d'aquí, que não seja uma substancia ou uma força. Se para nós existe, e se realiza na natureza, nas suas leis, nos seres, na intelligencia, no saber, e sobre tudo na historia — se a humanidade na expressão imaginosa de que o grande escriptor se serve, urde com o divino a trama da existencia, como a aranha fia a sua rede — preciso é que Deus seja uma entidade de qua quer modo considerada.

Se nos ficam vagas, mysteriosas ou inexplicaveis as suas relações com essas mesmas fórmulas em que se manifesta, é o que podemos extranhar a Renan, como a todos os philosophos que abordam esse problema, mas não podemos attribuir a ideia de que Deus é uma pura forma do nosso espirito sem existencia effectiva, ou sem verdade.

Nega um Deus pessoal, mas não um Deus impessoal — a segunda d'estas theorias não é falsa no seu conceito, só não é discutivel com solidez, porque encerra uma questão, que ninguém resolve.

Desde que se cre no espirito, na liberdade, cre-se em Deus — amal-o é amar o bem, o bello, o verdadeiro — é religioso o homem que em tudo sente o divino.

O problema da causa superior excede-nos, mas traduz-se em epopeias, que são as religiões de todos os povos. Haverá no espirito allemão uma ideia mais elevada dos cultos, da poesia e da arte?

Renan não é um Hegel — mas se ao espirito francez repugnarem essas abstracções excessivas, e em parte imaginarias, que nos veem d'além do Rheno, não duvidemos de que o atormenta a neces-

sidade de explicar os mesmos problemas.

Até na linguistica, Burnouff, Champollion, Oppert, Lenormant; e outros, e proprio auctor da *Historia de Israel*, o attestam, e com isto os não exaltamos além do seu merito, somos apenas justos.

O livro da *Vida de Jesus*, além da critica é d'uma poesia sublime: o estylo de Renan não é só delicado e attrabente, é tambem vigoroso, sente-se repassado de intenções superiores e geniaes, é mais poetico, que os livros historicos de Michelet, de cujas mãos eu não creio que sahira aquelle mais exelente.

Ssrá um sceptico em religião o que nos diz — todas as proposições applicadas á divindade são impertinentes. — Exceptua-se uma só, e é esta — existe.

Será um pessimista aquelle para quem não importa a recompensa, visto que as obras ou a vida são tão bellas, que encerram em si mesmas as promessas infinitas? «A marcha do mundo é cheia de trevas, mas ella caminha para Deus» — não é um pessimista quem assim cre no progresso.

Não é um moralista o que ensina — «o dever é o que importa a nós todos, resolve as duvidas do dest no humano — graças a esta revelação inequivoca affirmemos que é immortal aquelle cujos actos bons entram no triumpho definitivo da justiça?»

Ha um crêdo na sua doutrina não é um mero dilettante do estylo, um amator de effectos litterarios, é mais alguma coisa como vemos.

Não é um *burguez sem os altos dons da intelligencia, com um escasso criterio*, não é um sceptico, não é um indifferente.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

## NA FOIHA D'UM ROMANCE

Moldada ao bem nasci, mas debil planta  
Verguei do vicio ao sopro pestilento,  
D'entre o vicio, porém minha alma ardente  
Castos hymnos a Deus saudosa canta.

Ah! se um mentido affecto amor levanta  
N'um pobre coração inexperiente,  
D'elles a culpa é toda! uma innocente  
Não consulta a razão, razões supplanta

Cabi, verguei, Senhor! já perversida  
Graças, beijos vendi, vendi belleza  
Triste commercio de mulher perdida.

Oh! mas, Deus do amor! foi só fraqueza:  
De impiasmãos me arrancai, tira-me a vida  
Alcance-me o perdão, mortal tristeza!  
João de Deus.

## FOLHETIM

### O PECCININO

OU

### O Bandido Nobre

POR

GEORGE SAND

Logo que minha mãe entrou em via de restabelecimento, fui pagar ao medico; porém, em sua casa, como na pharmacia do bairro, não me acceitaram dinheiro. A's minhas perguntas respondiam, conforme estavam ensinados, que uma secreta sociedade de pessoas ricas e piedosas os indemnizava de seus trabalhos e despesas.

XVI

### Continuação da Historia de Magnani

Meu cerebro começava a trabalhar, diz Magnani, proseguindo a sua narrativa. A' medida que o desgosto, que me subjugára, dava vez á alegria, o que houve de romanesco na minha aventura me occorria á memoria com seus menores detalhes, revestidos d'um encanto fascinador.

A voz meiga, a estatura elegante, os movimentos distinctos d'esta mulher representavam-se

deante de meus olhos. Um anel que trazia de certo feitio chamou-me a attenção, quando ella observava o pulso de minha pobre agonizante.

Eu nunca tinha visto o interior do palacio Palmarosa, onde não era consentida a entrada aos extranhos ou curiosos da circumvizinhança, o que é permittido em quasi todas as antigas casas de nossos contreraneos.

A princeza lá tem vivido retirada, ou por assim dizer, escondida desde a morte de seu pai, não recebendo quasi ninguém, sahindo só á noite e raras vezes.

Foi-me preciso, pois, espreitar e procurar occasião para a vêr de perto, porque eu queria vel-a com os olhos que mais tarde havia de ter para ella.

Até ahí não tinha nunca desejado ver-lhe as feições e, ha dez annos, ella tem apparecido tão pouco, que raras serão as pessoas do bairro, a reconhecer-lhas. Quando sahia de carro, desciam-se as cortinas, e quando ia á igreja, um veo preto lhe cobria o rosto. Chegou a ponto de dizer-se entre nós que, depois de ter sido muito formosa, lhe viera uma lepra, tornando-a tão horrenda, que fugia de ser vista.

Tudo isto não passava d'um boato infundado, de que meu pai e outros operarios, empregados no palacio, se riam, e asseveravam não ter a princeza soffrido alteração alguma em sua phisio-

nomia. Mas estes ditos contradictorios não deixavam de me impressionar, e ao meu desejo de vêr esta mulher, se misturava um não sei que terror, que insensivelmente me preparava para a loucura de me enamorar d'ella.

Uma particularidade augmentava ainda a minha ardente angustia. Meu pai, que ia muitas vezes ao palacio ajudar, como simples operario, o mestre das tapecerias, a levantallas e a dispôl-as novamente, recusava-me o consentimento de o acompanhar para lá, quando era costume de eu ir com elle para qualquer outra parte. Desculpou-se muitas vezes com pretextos que eu acceitava sem exame; mas, logo que senti um interesse forte em penetrar n'este santuario, viu-se obrigado a confessar-me que a princeza não gostava de vêr mancebos em sua casa, e que o director da tapeceria os dispensava delicadamente, quando para lá era chamado.

Esta bizarra restricção mais me inflamou.

Uma manhã, peguei resolutamente do martello, do avental e entrei no palacio Palmarosa, com um genuflexorio coberto de veludo, que meu pai vinha de acabar no atelier do mestre.

Eu sabia que era destinado á senhora Agatha: não consultei ninguém; peguei d'elle e parti.

Vai isto ha cinco annos, Miguel! O palacio que vês hoje tão

brilhante, todo aberto e animado, era, ainda, ha um mez, o mesmo que na epocha do que hei contado, o que já fóra cinco annos, depois que era livre e orphão, o que voltará talvez a ser manhã. Era um tumulto onde parecia estar se pultada em vida.

Todas as riquezas aqui hoje ostentadas estavam escondidas nas sombras, como reliquias n'uma caverna funebre. Dois ou tres criados, tristes e silenciosas, percorriam, com surdos passos, as longas galerias, fechadas aos raios do sol e ao ar exterior.

Por toda a parte, cortinas desciadas deante de janellas, portas ferrugentas em seus gonzos, não gyrando, um ar d'abandono solemne; estatuas, que se erguiam na sombra, similhando espectros, retratos de familia, seguindo-nos com a vista, com apparencia desconfiada: tive medo, e comtudo andei sempre. A casa não tinha porteiro, como esperava. Como sentinellas invisiveis tinha a sua reputação de tristeza inhospitaleira, e o terror de sua propria solidão. Eu tinha a audacia insensata de meus vinte annos, a temeridade funesta d'um coração enamorado prematuramente, correndo para a sua desgraça.

Por um acaso, proprio da fatalidade, não fui interrogado de pessoa alguma. Os poucos serviçoes d'esta casa lugubre não me viram, ou não se lembraram de me impedir a entrada, encarre-

gando-se talvez d'isso algum cerebro mais intimo da dona, que devia guardar a porta de seus aposentos, e que por milagre se não achava em seu posto.

Guiava-me o instincto ou o destino. Atravessei muitas salas, ergui reposteiros, pesados e cobertos de pó; transpuz a ultima porta aberta e achei-men'uma sala ricamente adornada e deante de mim estava um quadro com um grande retrato d'homem.

Parei. Este retrato fez-me percorrer as veias um tremor gelado.

Eu reconheci-o pela descripção que meu pai d'elle me havia feito; porque o original custeava ainda então as historias e ditos de nosso povo, muito mais que as singularidades da princeza.

A photographia era de Diogenes Palmarosa, pai da princeza Agatha, e devo fallar-te d'este homem terrivel, Miguel; porque talvez não tenhas ainda ouvido o seu nome n'esta região, onde só com horror e pronunciado.

Reparo tambem que devia ter-te fallado d'este personagem ha mais tempo; porque o odio e terror que inspira a sua memoria haver-te iam illucidado um pouco sobre a desconfiança e mesmo aversão, com que sua filha, apesar de todas as virtudes, ainda leva o desgosto a certas familias de nossa classe.

(Continua).

Clara de Miranda

**NOTICIARIO**

**TEMPO**

Em 11 continuará actuando o minimo do golfo de Genova, passando o do estreito para a Argelia. Estes elementos de perturbação aerea ocasionarão algumas chuvas e trovoadas na região mediterranea.

Em 12 chegará á Irlanda um centro borrascoso que, combinado com o minimo que haverá no Mediterraneo superior, produzirá aguaceiros e trovoadas na parte septentrional da peninsula.

Em 14 o centro borrascoso da Irlanda estará no mar do Norte e na Dinamarca e o Mediterraneo superior persistirá nos seus logares. Haverá aguaceiros e trovoadas.

De 14 a 15 melhorará o estado atmosferico geral da peninsula e apenas exercerão alguma influencia no Mediterraneo os nucleos de forças que apparecerão nas paragens da Sardenha e Sicilia e no sudoeste de Portugal.

**PESCA**

Já foi melhor

**O XUÃO**

Mais um numero d'este semanario veio á luz da publicidade. As paginas de caricaturas firmadas pelo habil caricaturista Silva e Souza, referem-se ao assumpto palpitante do dia, isto é, as eleições municipaes. Na parte litteraria destaca-se a chronica, brilhantemente escripta pelo grande jornalista Augusto José Vieira.

**ANNOS**

Fez annos, no dia 4 do corrente, a menina Maria José Pereira dos Santos, irmã do nosso amigo o snr. Manoel d'Oliveira Muge.

As eleições municipaes terão lugar no proximo dia 1 de novembro—dia de todos os Santos, ou de todos os...

**O SUPERPHOSPHATO DE CAL**

Não é de tão util e proficua applicação como o PHOSPHATO THOMAZ NAS TERRAS tanto ARENOSAS como ARGILOSAS, uma vez que sejam de novo arroteadas, tenham muitos annos de pousio, tenham moitas ou sejam de matos. Regra geral o PHOSPHATO THOMAZ produz melhor resultado do que o SUPERPHOSPHATO DE CAL, quanto mais NEGRA FOR A TERRA caso em que estão no geral todas as terras de charneca e da provincia do Minho. Adubação com o PHOSPHATO THOMAZ não só é mais efficaz mas tambem mais economica em egualdade de gradação de acido phosphorico assimilavel. Esclarecimentos e preços fornece, bem como toda e qualquer encomenda, por maior que seja.

O. HEROLD & C.º

Lisboa, 14.—Rua da Prata. Porto, 25 Rua da Nova Alfandega.

**SUFFRAGIO**

No dia 3 do corrente, na igreja da freguezia d'Arada, d'este concelho, foi celebrada uma missa pelo rev.º abbade Joaquim Thomé

dos Santos, suffragando a alma do nosso patricio e bemfeitor d'aquella igreja, Francisco Rodrigues Lyrio, fallecido no Rio de Janeiro, a qual contemplou com a quantia de 50\$000 réis, moeda brasileira. O rev.º abbade convidou os seus parochianos a assistir ao acto, convidando tambem os devotos do sagrado coração de Jesus a offerecerem a sagrada communhão pelo fallecido.

**UNIÃO DOS ATIRADORES CIVIS PORTUGUEZES**

**TIRO NACIONAL Vantagens para os Atiradores Civis**

Regulamento do serviço de recrutamento do Exercito e da Armada, approved por decreto de 24 de Agosto de 1901.

«Art.º 143.º Os mancebos que forem unico e exclusivo amparo, e sómente pelo seu trabalho sustentarem, pae, mãe ou irmãos, que não possam alimentar-se por absoluta carencia de meios e se achem em estado de não poder obtel-os, e bem assim o exposto, abandonado ou orphão que sustentar só com o seu trabalho a mulher pobre ou sexagenaria que o creou e educou desde a infancia, se pelo sorteio lhes pertencer a obrigação do serviço activo do exercito ou da armada, serão transferidos para a 2.ª reserva depois de promptos da arma de infantaria, a que sempre são destinados, não podendo, contudo, servir effectivamente menos de Cem dias.

**SECÇÃO VI Applicação da Classificação aos Atiradores Civis**

Art.º 147.º Serão transferidos para a segunda reserva, nas mesmas condições do Art.º 143.º os mancebos que tiverem praticado com regularidade o tiro ao alvo em qualquer carreira militar durante tres annos, pelo menos, alcançando a classificação de 1.ª classe e satisfizerem a uma prova pratica perante um jury nomeado pelo ministro da guerra, sob proposta do director geral do serviço de infantaria.

§ unico. Os documentos necessarios para ser admittida a petição são os seguintes:

1.º Caderneta individual do atirador, onde conste que o mancebo praticou com regularidade o tiro ao alvo durante tres annos e em que estejam consignadas uma a uma, todas as sessões de tiro ao alvo e seu resultado, tiro por tiro, ou de tiro de repetição, bem como as datas em que o atirador as effectuou e o apuramento final de classe a que pertence, tudo devidamente verificado, rubricado e sellado em cada folha pelo director da respectiva carreira, que será o responsavel pela veracidade d'este documento.

2.º Resultado da prova pratica, assignado pelo jury, mostrando que o mancebo alcançou a classificação estabelecida no programma especial relativa a esta prova, ou attestado do jury do concurso nacional de tiro em que se mostre que obteve o primeiro lugar na classificação da parte do concurso destinada a todos os atiradores.

Art.º 148.º A petição será entregue ao commandante do districto de recrutamento de reserva, que a fará seguir para a Commissão militar de recrutamento, e admittida só até ao ultimo dia da incorporação (12 de novembro).

§ unico. A resolução será dada a tempo de aproveitar ao interessado.

O Estado fornece 60 cartuchos gratuitos cada anno e durante tres annos para instrucção. (Art.º 6.º n.º 5 do Regulamento de tiro Nacional de 27 de novembro de 1902).

**só 100 dias de serviço!**

**BENEFICENCIA HOSPITALAR**

Referimo-nos no numero anterior á humanitaria Instituição de Beneficencia Hospitalar, e fazemo'-lo, egualmente, hoje, a fim de se tornar mais viva e arreigada na memoria de todos os municipios do nosso concelho a ideia de que, na occasião presente, em que a miseria fructifica, é preciso unir todas as energias para uma nova organização social.

As classes trabalhadoras do concelho d'Ovar, especializando a piscatoria, estão a braços com uma terrivel crise de fome, sendo frequentes os emocionantes quadros da viuvez e orphandade, que se nos deparam.

Velhos desamparados, tiritando de frio, macilentos, exanimés, sem um braço amigo, que os ajude nas agruras da vida, entreabrem os olhos e só veem, por albergue, o canto hediondo d'um asqueroso beco; e quando rugem a «voz do estomago», encontra, por alimento, apenas, lagrimas, que cahem regeladas d'esses olhos, quebrados da penuria.

E a humanidade?—Não consentirá, nem permitirá a continuação d'estas scenas aviltantes: impende-lhe o dever sacratissimo, em nome e no integro cumprimento e devotado respeito pela solidariedade social, de lançar os primeiros fundamentos d'uma Instituição altruista e beneficiadora.

Nesse intuito, o nosso conterraneo, Ex.º Dr. Francisco Baptista d'Almeida Pereira Zagallo, distincto medico em Alcobaça, «que nasceu n'este torrão vareiro e n'elle viu decorrer a sua infancia e parte da sua mocidade», fez distribuir profusamente por todo o concelho uma circular, na qual dá conhecimento de que toda a sua intelligencia e toda a sua energia se acham empenhados ao serviço da fundação de um hospital n'esta villa, designando S.ª Ex.ª o dia 18, proximo domingo, para uma reunião no theatro Ovarense, por 3 1/2 horas da tarde, onde «a conjugação de todas as vontades do concelho d'Ovar, sem distincção de cores politicas, sem selecção de crenças, deverá «dar expansão aos seus bemfazejos sentimentos», e expôr, com todo a desassombro, o seu modo de vêr e pensar acerca da grandioso Instituição Hospitalar.

Até domingo, 18 do corrente, pois.

**DESASTRE**

No dia 8 do corrente, pelas 9 horas da manhã, na occasião em que andavam trabalhando n'uma pedreira pertencente ao snr. Antonio Francisco de Pinho, da freguezia de S. Vicente de Pereira d'este concelho, desabou uma porção da pedreira ficando soterrados um jornaleiro de nome Manoel Gomes Luiz, casado, do logar da Torre, d'aquella freguezia, que morreu instantaneamente, e uma filha do dono da pedreira de nome Jacintha, que se acha em perigo de vida.

Partiu, sexta-feira ultima, para o Egypto, o snr. dr. Pereira da Cunha, juiz dos tribunaes inter-nacionaes.

Tarifa dos generos vendidos no mercado d'esta villa no dia 29 de Setembro de 1908.

Trigo . . . . .	20 litr.	1\$100
Milho branco . . . . .	» »	780
Milho amarello . . . . .	» »	720
Centeio . . . . .	» »	800
Cevada . . . . .	» »	700
Feijão branco . . . . .	» »	1\$200
» vermelho . . . . .	» »	1\$250
» rajado . . . . .	» »	960
» amarello . . . . .	» »	960
Aveia . . . . .	» »	560
Painço . . . . .	» »	600
Vinho grosso . . . . .	» »	40

Azeite . . . . .	» »	320
Manteiga . . . . .	1 kg.	900
Vacca . . . . .	» »	240
L. nho . . . . .	» »	520
Batata . . . . .	15 »	360
Ovos . . . . .	cento	1\$200
Gallinha . . . . .	» »	600
Frango . . . . .	» »	300
Cera . . . . .	» »	900
Melancia . . . . .	» »	10
Melão . . . . .	» »	10

**AOS LAVRADORES**

Já é hoje um facto bem provado e sabido por os lavradores que apenas sabem lêr e escrever que as plantas precisam d'azote, acido phosphorico, potassa e cal.

De todos estes elementos talvez o mais importante sobretudo na cultura de cereaes que é a mais espalhada no nosso concelho, é o acido phosphorico que é tambem o que em menos quantidade se acha na terra. E' preciso pois fazer adubações com acido phosphorico em grandes quantidades, o que faz dar boas colheitas e com a vantagem de não se perder o que as plantas não aproveitem, porque fica nas terras embora chova muito, indo as outras colheitas aproveitá-lo. Para se saber a importancia do acido phosphorico basta dizer-se que as adubações feitas só com elle dão boas colheitas emquanto que só com cada um dos adubos que contem azote, potassa ou cal, já não as dão tão boas. Depois do acido phosphorico o elemento mais importante é o azote.

Entre os muitos productos apresentados em commercio para fornecer o acido phosphorico o mais antigo é certamente o pó d'ossos e ainda o melhor e mais barato. Antigamente era até o que se usava exclusivamente e ainda não era preparado com a perfeição com que hoje se prepara.

E' o unico adubo phosphatado que se dá bem em todas as terras, é de facil applicação e d'effeitos rapidos e seguros.

Além d'isso tem a grande vantagem de ter acido phosphorico e azote embora este em menor quantidade, to nando-se pois um adubo completo e muito barato porque se o lavrador que o empregar usasse outro adubo, por exemplo o superphosphato de cal, teria de comprar tambem um adubo azotado, como o nitrato de sodio ou outro. Assim com um só, faz o effeito dos dois. Mas se quizer misturalos com outros, pôde fazel-o á vontade sem estragar nenhum, o que não acontece com alguns dos outros adubos.

Já em Ovar se vende o pó puro d'ossos, com dosagens garantidas e baratissimo; procurem-nos em casa de José Ferreira Malaquias, no Largo dos Campos que lhes dará todos os esclarecimentos necessarios sobre a quantidade a empregar, forma de o fazer, etc.

Experimentem uma vez n'um bocado pequeno e verão que nunca mais deixam de o uzar e que dão por bem empregado o dinheiro que dêram por elle.

**Bicyclettes e machinas de costura Oficina de concertos**

Abel Guedes de Pinho, com officina de concertos em bicyclettes e machinas de costura, e com pessoal devidamente habilitado para os mesmos, encarrega-se de concertar qualquer bicyclette, ou machina, por preços relativamente modicos, sem duvida mais baratos do que em outra qualquer casa congénere.

LARGO DA PRAÇA OVAR

Leuha Secca--- "RACHÃO," vende MANOEL FERREIRA DIAS Largo da Poça

**Citação-edital**

Pelo Juizo de Direito da Comarca de Ovar e cartorio do escrivão—Lopes correm editos de trinta dias a contar da segunda e ultima publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando Manoel Marques Sôpa, casado, ausente em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil, para assistir a todos os termos, até final, do inventario orphanologico a que se procede por obito de sua primeira mulher Thereza Ferreira, moradora que foi na rua Nova, d'esta villa de Ovar, sob pena de revelia. Ovar, 6 d'Outubro de 1908.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Ignacio Monteiro.

O escrivão substituto,

Amadeu Soares Lopes.

**Vende-se**

Uma terra de lavradio, com pinhal pegado, sita na Carvalheira de Macêda. Quem pretender dirija-se a esta redacção.

**ADOBES**

Bem fabricados e de boa massa. Terra propria para construcções solidas. Vende a preços convidativos.

FRANCISCO CORRÊA DIAS

Rua do Loureiro

OVAR.

**CARVÃO DE COKE PARA COSINHA**

Grande economia!... Guerra á lenha!... A 180 reis cada 15 kilos Vende Abel Guedes de Pinho

Largo da Praça OVAR

**AOS CAÇADORES**

Antonio da Cunha Farraia participa que tem á venda, no seu estabelecimento, na rua da Graça um enorme sortido de espingardas, recebidas directamente da Belgica, e seus accessorios

Ha tambem variedade em revolvers de diferentes auctores, taes como: Smith, Bull-Dog e Papes, pistolas, etc. etc. Preços muito modicos.

**LIÇÕES**

Lecciona-se francez e habilita-se para exame de instrucção primaria 1.º e 2.º grau, tanto m casa das alumnas como na Rua de S. Bartholomeu n.º 37.

Acceptam encomendas de flores artificiaes, e da-se lições das mesmas.

Os proprietarios da Typographia Peninsular veem por este meio declarar ao publico, que, por contracto feito com os seus auctores, ficam d'esta data em diante sendo os editores dos antigos e afamados almanacks e reportorios do acreditado auctor Liborio José de Magalhães, os quaes desde já se acham á venda, O SERINGADOU, por excellencia, O SABIO SARAGOÇANO, O BORDA LEÇA, O BORDA D'AGUA, e muitos outros do mesmo auctor; será tambem publicado o novo almanack D. M. NOEL II, illustrado com o retrato do monarcha, e com capas impressas em papel de côr.

# ADEGA DO LUZIO

Acharão, decerto, pouco,  
Mas, não chamem TESTA D'UNTO,  
Nem TAPADO, nem BACOCO,  
Porque, por falta d'assumpto,  
Não vae mais, nem mesmo a sôcco.

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, gero-  
pigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.

Garante-se a pureza de todos os artigos

**ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR**

# MERCEARIA PINHO & IRMÃO

-LARGO DA PRAÇA-

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outra, marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

# TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

# MONTEIRO & GNOCALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

**PORTO.**

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos



## O GABÃO ELEGANTE

DE  
AVEIRO

É e ha de ser sempre o agasalho mais conveniente e elegante contra o Frio, Vento e Chuva e o mais commodo para viagem. E se quereis o verdadeiro só o encontrareis na ALFAIATERIA DA MODA

de ABEL GUEDES DE PINHO

## ALFAIATE NATURAL DA CIDADE DE AVEIRO

DEPOSITO DE BYCICLETES  
IRLEY

E outras marcas; todas as peças precisas para as mesmas. Con-  
certam-se bycicletes

Preços sem competencia



Machinas de Cos-  
tura das bem conhe-  
cidas e acreditadas  
marcas "Naumann"  
e "Opel".

DEPOSITO DE CALÇADO

As machinas de costura das acreditadas marcas "Naumann" e "Opel" são, indubitavelmente, as unicas que poderão preencher todas as exigencias do freguez—leves de andamento, podem ser usadas por pessoas de qualquer idade; o seu ponto elegante torna estas machinas preferiveis a qualquer das outras marcas, sendo tambem de um encantador e maravilhoso effeito em todos os trabalhos em bordadura, razões porque estão sendo usadas, de preferencia nos grandes ateliers de modista e alfaiate das principaes terras estrangeiras. Não com-  
porem, pois machinas de costura, sem verem as das marcas "Naumann" e "Opel". Dão-se todas as instru-  
ções e ensina-se o bordar gratuitamente.

Vendas a prestações de 500 reis semanaes.

Ha á venda todos os accessorios, taes como: Oleo, vazelina para conservar os nickelados, agulhas pa-a to-  
das as marcas etc, etc.

Concertam-se machinas de costura de todas as marcas e acceitam-se machinas velhas em troca das novas.

Preços muito reduzidos.

**ABEL GUEDES DE PINHO**

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48—OVAR

OFFICINA E ESTABELECIMENTO  
DE CALÇADO

DE

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina,

vende, em todos os domingos, n. praça da hortaliça, d'esta villa calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encommen-  
da de qualquer obra concernente d sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encom-  
mendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente.

FABRICA DE CERÓAS

e flores artificiaes

Premiada com medalhas de ouro em todas as exposições a que tem concorrido

**COROAS FUNEBRES**

**RAMOS para altar.**  
Grande sortido de plantas para adorno. Flôr de laranja, e todos os apresetos para flores.

DEPOSITOS NA PROVINCIA

COIMBRA — Manoel Carvalho  
*Largo do P. D. Carlos.*

FIGUEIRA DA FOZ — José Neves Zuzarte  
*Praça de Camões.*

SANTAREM — Fonseca & Souza.

BRAGA — Pinheiro & C.